

Carlos da Silva Lacaz, médico e escritor

Guido Arturo Palomba

Vulto Notável da História da Medicina, um dos guardiões da Casa de Arnaldo, criador do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, cujo local orgulhosamente mostrava aos convidados e visitantes, que se admiravam com as relíquias e os cimélios impecavelmente dispostos nas vitrines daquele nobre espaço, no coração da Entidade santuário.

Carlos da Silva Lacaz foi também um dos maiores colaboradores deste Suplemento Cultural, desde os primeiros números. Os escritos sobre os mestres da Medicina são de riqueza inigualável, considerando as lindas narrativas de fatos pitorescos e desconhecidos que envolviam suas vidas ilustres, sempre a ressaltar o humanismo e a grandeza de seus pares.

Invariavelmente os artigos vinham acompanhados de ricas ilustrações: fotos e desenhos colecionados e reunidos ao longo de 86 anos de vida.



Carlos da Silva Lacaz agradecendo à homenagem, em outubro de 2001



Carlos da Silva Lacaz recebe de Guido Palomba a Placa de Prata da APM, em 2001

No último dia de São Lucas, Amado Médico, 18 de outubro, a Associação Paulista de Medicina distinguiu, com a Placa de Prata, vários médicos eminentes da Medicina brasileira. Entre eles o Professor Lacaz, um dos homenageados, foi convidado para falar em nome de todos. Subiu à tribuna e, de improviso, proferiu oração perfeita, clara, distinta e adequada, somente possível aos espíritos nimbados de muita grandeza.

O Professor Lacaz foi membro titular e emérito da Academia de Medicina de São Paulo, e seu presidente (1962/1963), em cujo sodalício semeou idéias e inovou com talento, polemista brilhante. Na sua cadeira, agora vazia, ficam as eternas lembranças do querido Professor de Medicina, historiador e escritor, com valiosa bagagem literária. Ao entrar para a Eternidade estará ao lado de Ar-

naldo Vieira de Carvalho e de todos os que foram ao mesmo tempo médicos e grandes vultos literários, como o próprio Arnaldo, e Aloysio de Castro, Afrânio Peixoto, Pacheco e Silva, Antônio de Almeida Prado, Luiz Pereira Barreto, Autregésilo, Lycurgo de Castro Santos Filho, Franco da Rocha, João Carvalhal Ribas, sagrados mantenedores da tradição dos médicos pouco ou muito roubados à profissão pelo culto das letras. Carlos da Silva Lacaz sempre será lembrado, enquanto houver historiadores, permanecendo vivo na memória de todos. É a justa imortalidade terrena a que têm direito todos os sábios.

Guido Arturo Palomba

Presidente Eleito da Academia de Medicina de São Paulo e
Diretor Cultural da APM

Paulo da Silva Lacaz

(1913-1991)

Carlos da Silva Lacaz

Paulo da Silva Lacaz nasceu na cidade paulista de Guaratinguetá a 27 de janeiro de 1913, falecendo no Rio de Janeiro a 17 de maio de 1991, enterrado em sua cidade natal, no cemitério dos Passos, em túmulo por ele adquirido cerca de quinze dias antes de sua morte. Positivista de formação, mostrou-se estoíco face aos seus sofrimentos no último capítulo de sua vida, feita de árduas lutas, mas também de gratificantes recompensas. Em Guaratinguetá cursou a Escola Normal, por ela se diplomando em 1930. Bacharelou-se, em 1931 pelo Ginásio Nogueira da Gama. Foi aluno de seu pai, Prof. Rogério da Silva Lacaz, natural de Cantagalo, terra de Euclides da Cunha e de Chapot-Prevot, antigo professor de matemática daquela renomada Escola. Orgulhava-se da figura paterna, por quem nutria grande amizade, afeto, respeito e profunda admiração. Vindo para o Rio de Janeiro, seu tio, o médico Francisco Papaterra Limongi, obstetra de formação, discípulo de Fernando de Magalhães, deu-lhe cordial acolhida. Escolhe a medicina como profissão, ingressando após brilhante concurso para a gloriosa Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, por onde se diplomou em 1937. Foi colega de turma e amigo de Lutero Vargas, frequentando o Palácio do Catete. Muito cedo demonstrou seu interesse pela Bioquímica e Química Orgânica. Dessas disciplinas foi mestre consagrado. Inicia, então, longa carreira docente. Inicialmente conquista a cátedra de Bioquímica da Faculdade de Medicina de Niterói, substituindo ao Prof. Antonio de Barros Terra. Anteriormente, em 1942, com tese sobre "Aspectos bioquímicos do câncer, Hidrocarbonetos cancerígenos e reação tri-fásica de Bendien-Lowe obtém nesta mesma Faculdade, a docência livre em Bioquímica naquela época Química Fisiológica. O trabalho apresentado havia todo ele sido desenvolvido na Faculdade Nacional de Medicina (Praia Vermelha), onde era titular



Guaratinguetá - Chale da Família Lacaz

seu grande amigo, o Prof. Adelino da Silva Pinto, de saudosa memória. Para a cátedra de Niterói, Paulo da Silva Lacaz, em 1947, concorre com a tese "Contribuição para o estudo da Diaminoxidase". Em 1947 conquista a cátedra de Bioquímica da Faculdade Nacional de Farmácia. Título de sua tese - Contribuição para o estudo químico biológico da Beta-imidazoetilamina. Docente de Química Fisiológica da Faculdade Nacional de Medicina, e da qual foi monitor quando estudante com tese sobre "Alguns aspectos bioquímicos da convulsão cardiazólica", trabalho executado no Instituto de Psiquiatria, dirigido na ocasião pelo Prof. Henrique Roxo, conquista em 1951, após concurso dos mais brilhantes a cátedra de Química Fisiológica da Faculdade Nacional de Medicina, com a tese "Bioquímica dos compostos pteroil glutâmicos. Contribuição para o estudo ácido pteroil-glutâmico, A.P.G. e metabolismo dos aminoácidos". Depois de sua aula, os alunos o carregaram triunfalmente, no pátio da velha e consagrada Escola de Medicina de Praia Vermelha, destruída pelos aríetes da demolição e os reformadores iconoclastas. Em 1943 Paulo da Silva Lacaz concorreu à cátedra de Química Fisiológica da antiga Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano, com a tese "Contribuição a Bioquímica das doenças mentais. Metabolismo glicídico nas esquizofrenias. Obteve a livre docência.

Exigente para com os alunos, era por eles queridíssimo. Meu irmão, além da Bioquímica apreciava muito a Botânica. Era considerado pelo Prof. Carlos Toledo

Rizzini como um químico e botânico a um só tempo. Recebeu do mesmo mestre recida homenagem a *Cabralea lacaziana*. n.sp foi o nome da espécie dado por Rizzini a esta planta. Paulo da Silva Lacaz chefiou durante muitos anos o Setor de Liquor do Instituto de Psiquiatria, dirigido pelo eminente mestre Prof. Henrique Roxo. Conhecia a Psiquiatria, sendo dono de boa cultura humanística.

Em 1961 ingressou na Academia Nacional de Medicina, tomando posse como membro titular, a 24 de agosto. Com discurso dos mais belos, mostrou a participação da Bioquímica na concepção da própria vida, lembrando Miguel Couto quando afirmava que esta disciplina ditaria novos rumos aos estudos médicos. Ocupou a vaga deixada pelo Almirante Heraldo Maciel. Foi recebido na Academia Nacional de Medicina por Adatauto Botelho. Mais tarde, o prof. Gerson Cotta Pereira ocupou sua vaga, a 2 de abril de 1992, fazendo elogiosas referências a seu antigo mestre. Ao longo do profícuo trabalho laboratorial, tornou-se uma das maiores autoridades no mundo, sobre porfírias. Homem correto, excelente pai de família, fiel apreciador das regras positivistas, nunca deixara de cumprir um compromisso assumido. O Prof. Cotta Pereira fora, recebido na Academia Nacional de Medicina pelo Prof. Antar Padilha Gonçalves, colega de turma de meu irmão, o qual, também se referiu de modo elogioso ao destacado bioquímico brasileiro. Em 1960, de 28 de novembro a 2 de dezembro, na cidade do Rio de Janeiro, Paulo da Silva Lacaz organizou a IIª Reunião da Divisão de Química Orgânica e Bioquímica da Associação Brasileira de Química, coroada de mais completo sucesso. Traçando a vida operosa de meu irmão, faço-o com a emoção de quem com ele conviveu por longos anos, desde a infância até a idade provecta, apreciando-lhe sua inteireza de caráter, a rigidez de seus princípios, sua moral ilibada, tudo isto haurido nas lições paternas. Paz à alma do sábio, do justo, do bom.

O valioso legado de Carlos da Silva Lacaz

Henrique Seiji Iwamoto

O notável professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo deixou nosso convívio no dia 23 de abril último. Descendente dos franceses Lacaze, dos brasileiros Silva e dos italianos Limongi, nasceu a 19 de setembro de 1915 na Guaratinguetá das garças brancas, junto às margens do velho rio Paraíba do Sul, numa família de conhecidos mestres. Seu pai era professor de matemática. Seu irmão Paulo, catedrático de Bioquímica em faculdades fluminenses. Francisco, reitor do Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Emília, inspetora de ensino. Rogério, catedrático de Odontologia em Guaratinguetá. E José, o poeta "Tuvi-ra", docente em Veterinária.

Carlos da Silva Lacaz ingressou na Faculdade de Medicina em 1934, ano em que a Universidade de São Paulo foi criada por ato de Armando de Sales Oliveira, interventor federal no estado. Aluno brilhante, destacou-se durante o curso médico, recebendo diversos prêmios ao ser diplomado em 1940. Mantinha grande amizade com seus colegas de classe, como Hélio Lourenço de Oliveira, futuro reitor da USP, Ruy Escorel Ferreira Santos, orador da turma, Michel Abu Jamra, Anísio Costa Toledo e vários outros.

Convidado por Floriano Paulo de Almeida, ingressou para o quadro de assistentes do departamento de Microbiologia e Imunologia da FMUSP. Através de concursos, tornou-se doutor, livre docente e, em maio de 1953, professor catedrático. Foi vice-diretor (1963-1970 e 1978-1982) e diretor (1974-1978) da Faculdade de Medicina, pró-reitor da Universidade de São Paulo (1974-1978) e diretor da Escola de Enfermagem (1979-1983). Ficou conhecido pelas suas aguerridas defesas de sua *Alma Mater*. Segundo Antônio Spina-França Neto, professor emérito, Lacaz é o "arauto da Casa de Arnaldo". Para Fábio Schmidt Goffi, também ex-diretor da



Carlos da Silva Lacaz em sua sala no Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, em dezembro de 2001

FMUSP, "é uma das expressões mais marcantes da Medicina pátria, exemplo às gerações futuras do Homem em suas dimensões intelectual, moral e humanística". Luiz Venére Décourt, o gigante da Cardiologia brasileira, vê em Lacaz "o Médico, na mais exigente acepção do vocábulo".

O Instituto de Medicina Tropical de São Paulo

Em viagem empreendida em 1958 a Lisboa e Basileia, Lacaz conheceu seus Institutos de Medicina Tropical. Retornando, conseguiu o apoio de colegas, com os quais elaborou projeto para a implantação de uma entidade semelhante. Em 1959, o governador Jânio da Silva Quadros assinou o decreto criando o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo (IMTSP), inaugurado no ano seguinte com Carvalho Pinto. Essa unidade é integrada pelos departamentos de Medicina Tropical e Dermatologia, Patologia e Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina. Desde 1959, o IMTSP edita, bimestralmente, a "Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo", ampla-

mente indexada, constando de mais de vinte bases de dados e índices impressos, incluindo a Medline/Index Medicus/Pub-Med, Lilacs, Excerpta Medica e SciELO.

O IMTSP tornou-se conhecido internacionalmente pelas suas pesquisas, sendo que alguns de seus laboratórios constituem centros de referência da Organização Mundial de Saúde. Lacaz foi seu diretor entre 1959 e 1968, ano de sua aposentadoria. Nesse período, 573 médicos especializaram-se em Medicina Tropical pelos "Cursos do Professor Lacaz", dos quais, 416 eram do Brasil e 157, do exterior. Em 2001, os integrantes da entidade decidiram, por unanimidade, a mudança do nome para "Instituto de Medicina Tropical de São Paulo Carlos da Silva Lacaz". Segundo Marcos Boulos, atual diretor, a homenagem deveu-se à dedicação, entusiasmo e amor dedicados à instituição. Para Fernando Montero-Gei, professor catedrático da Universidade da Costa Rica, Lacaz foi "*uno de los micólogos médicos más brillantes del siglo 20, benemérito de la humanidad*".

Lacazia loboi

Em trabalho publicado no *Journal of Clinical Microbiology*, em 1999, os autores Paulo R. Taborda, Valéria A. Taborda e Michael R. McGinnis identificaram um novo gênero de fungo para o agente etiológico da doença de Jorge Lobo e o denominaram *Lacazia loboi*, numa homenagem aos longos trabalhos de investigação dos dedicados pesquisadores brasileiros. Angela Restrepo, de Medellín, afirma que Lacaz é *"la figura más clásica de la Micología Médica Latinoamericana, gran tropicalista y exímio maestro."*

A Secretaria de Higiene e Saúde

O Prof. Lacaz foi Secretário de Higiene e Saúde do município de São Paulo entre março de 1971 e agosto de 1973, durante a gestão do prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz, quando implantou a Maternidade de Vila Nova Cachoeirinha, o Centro de Controle de Intoxicações, o Ambulatório de Recuperação do Alcoólatra, o

Centro de Controle de Zoonoses e quatorze centros de saúde.

O Museu da FMUSP e a SBHM

O Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo foi criado em 1977, sendo Lacaz escolhido para dirigi-lo, auxiliado por Duílio Crispim Farina, Dante Nese e Waldomiro Siqueira Jr. Em 1993, a Congregação aprovou, por unanimidade, a proposta do Prof. Gayotto de nomeá-lo *"Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz."*

O museu tornou-se sede inicial da Sociedade Brasileira de História da Medicina, fundada em novembro de 1977, numa feliz iniciativa dos professores Ulysses G. Meneghelli, de Ribeirão Preto, Joffre Marcondes de Rezende e Argeu de Castro Rocha, de Goiânia. Por sugestão desses idealizadores, Lacaz foi indicado para presidir a primeira diretoria. Na eleição de 2001, Meneghelli foi eleito presidente e Lacaz, presidente de honra.

Publicações e entidades médicas

O Prof. Lacaz publicou cerca de 500 trabalhos científicos, meia centena de livros e 1500 artigos no jornal Folha de São Paulo. Além da Sociedade Brasileira de História da Medicina, presidiu também a Academia de Medicina de São Paulo, a Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, a Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia e a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Foi paraninfo, patrono e homenageado especial de diversas turmas de diplomandos da Faculdade de Medicina. Premiado por entidades científicas internacionais.

Humanismo médico lacaziano

Em sua longa jornada, desde seus primeiros escritos e discursos, Lacaz enfatizava a necessidade de priorizar a ética e o humanismo no cuidado dos pacientes. Acreditamos que tenha sido o maior pregador do humanismo médico no país. Dizia que *"é princípio fundamental de ética que a única preocupação do médico é fazer tudo quanto for possível pelo bem-estar de seu paciente. Esta ajuda aos infortunados da desesperança projeta um raio de humanidade em nossa civilização técnica e materialista."* Em homenagem recebida dos alunos e funcionários da FMUSP por ocasião do seu aniversário, em 2001, voltou a falar do seu amor pela Medicina, *"a mais humana, bela, sacrossanta, nobre, augusta, sagrada e divina das profissões, a qual procurei exercer como verdadeiro sacerdócio, a da guerra santa pela vida humana"*.

Embora já estivessemos familiarizados com muitos de seus escritos, só viemos a conhecê-lo pessoalmente em reuniões da Sociedade Brasileira de História da Medicina. O humanismo médico lacaziano chamou nossa atenção, dando início a várias dezenas de contatos com o mesmo, entre novembro de 2000 e abril de 2002, com o intuito de obter dados e esclarecimentos para sua biografia. Contamos também com a colaboração de vários ilustres professores, amigos seus, que nos forneceram seus testemunhos pessoais. O lançamento da monografia em sua memória, sob forma de livro, está agendado para ocorrer durante o VII Congresso Brasileiro de História da Medicina, a ser realizado em novembro próximo na FMRPUSP, ocasião em que também será comemorado o cinquentenário desta.



Banquete oferecido pela classe médica em homenagem a Carlos da Silva Lacaz, que discursa, em 1953, quando de sua posse como professor catedrático da FMUSP. Sentados, os professores Matheus Romeiro Neto e Henrique da Rocha Lima e a Sra. Dinah Maria Martins Lacaz

A intensa atividade atual

Nos últimos tempos, o Prof. Lacaz chefiava o setor de Micologia Médica do Departamento de Dermatologia, o Laboratório de Micologia Médica do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo e era responsável pelo curso anual de Micologia Dermatológica e pelo curso de História da Medicina, além de continuar orientando trabalhos de teses de mestrandos e de doutorandos da Faculdade de Medicina. Mantinha intensa atividade educativa, científica e humanista, e preparava palestras, artigos e livros.

Deixou a esposa Dona Dinah Maria Martins Lacaz, com quem se casara em 1941, e os filhos Ana Helena, casada com José Eduardo Costa Martins, professor adjunto de Dermatologia, Carlos Roberto, psiquiatra, Guto Lacaz, herdeiro das fortes tradições artísticas da família, Carlos Eduardo, psicólogo, além de oito netos e oito bisnetos. A contribuição de Carlos da Silva Lacaz como docente, pesquisador e diretor de sua veneranda Casa de Arnaldo, foi gigantesca. Ocupando posição educacional de relevo, seu incansável trabalho de várias décadas pelo Hu-

manismo Médico influenciou benéficamente a formação de considerável número de profissionais. Lacaz deixa sua magnífica obra científica e humanística e as memórias de uma vida exemplar, precioso legado para a Eternidade.

Henrique Seiji Iwamoto, membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de História da Medicina, editor da revista *Acta Medica Misericordiae*, do Centro de Estudos da Santa Casa da Misericórdia de Santos

O homem integral

José Cássio Simões Vieira

O Professor Carlos da Silva Lacaz sempre primou por homenagear os Vultos da Medicina Brasileira.

Em relação a ele, agora, quem melhor poderá fazê-lo com o mesmo sentimento, elegância, maestria e pureza de estilo?

Não faltará quem o faça, tantos discípulos, amigos e admiradores tem, dotados, como ele, do dom da palavra.

Acredito, no entanto, que a página que mais possa homenageá-lo foi escrita, dia a dia, por ele mesmo, ao fazer suas escolhas de vida, ao eleger o sentido histórico-significativo de sua existência.

A maior homenagem que se lhe possa prestar, portanto, é a de conhecer esse livro de sua vida, para que por ele nos orientemos e nutramos a esperança de seguir, ainda que exiguamente, seus passos, dentro de nossas possibilidades.

Cada momento de sua vida foi uma afirmação de sua bondade, através das pessoas a quem favoreceu e das obras que edificou. Foram frases de luz dirigidas à Humanidade inteira, participando continuamente de seu crescimento espiritual, cultural, moral e social. Nesse sentido, sua missão assumiu, ao lado de seu trabalho científico, conotações educativas.

De fato, a palavra educare dos romanos significa trazer para cima, sentido conservado no francês élever e no inglês to bring up, porque, verdadeiramente, a educação tem por finalidade



Carlos da Silva Lacaz

e elevar o homem, desprendendo-o da animalidade primitiva, a ganga bruta que pesa sobre ele ao nascer, como verdadeiro pecado original.

Foi sua vida uma lição de humildade e de dedicação ao próximo.

Humildade vem de húmus, chão, em latim. Refere-se ao fato de se estar rente com a terra, de pé no chão. Assim era o Prof. Lacaz, avaliando corretamente suas realidades, reconhecendo seus valores terra a terra, sem fazer disso motivo para se jactar, para se colocar acima dos demais. Não sofria dessa doença perniciosa nos meios acadêmicos chamada importantite.

Sua atitude geral perante a vida era a de ir para a frente, crescer, construir, progredir junto com os demais, dentro de um vínculo de confiança e otimismo, entendimento e colaboração. Nunca expulsou os demais de sua vida, nem passou por cima deles ou os usou como escada para se projetar.

Sempre preocupado com os destinos do mundo e do homem, sem dúvida tornou-os melhores, pelo simples fato de haver ele existido na Terra.

Sua biografia foi a do homem que jamais se negou a atender o próximo, que só fez ricamente florescer o amor, jamais sendo destrutivo com quem quer que seja.

Em sua vida, fez ele uma auréola de amor em torno de seu coração, propiciando-lhe força e sabedoria para orientar suas ações como profissional e como pessoa.

Sua biografia, em resumo, foi a do homem integral.

Cultivando a memória querida do Prof. Lacaz, dela faremos a estrela guia de nossa caminhada ao longo da carreira médica, tornando-nos um pouco mais conscientes de nossos deveres ético-morais.

Assim, fará o Prof. Lacaz dele os versos de Georges Elliot:

"Possas eu juntar-me ao invisível coro
Dos mortos imortais que ressuscitam
Em ânimos por eles melhorados"

José Cássio Simões Vieira
Médico formado pela FMUSP em 1960. Ex-aluno e eterno discípulo do Prof. Carlos da Silva Lacaz

A Rainha D. Leonor de Lencastre

Palavras pronunciadas pelo Prof. Carlos da Silva Lacaz na Santa Casa de Misericórdia de Santos, por ocasião da sessão solene de abertura do V Congresso Brasileiro da História da Medicina (16 a 18 de novembro de 2000)

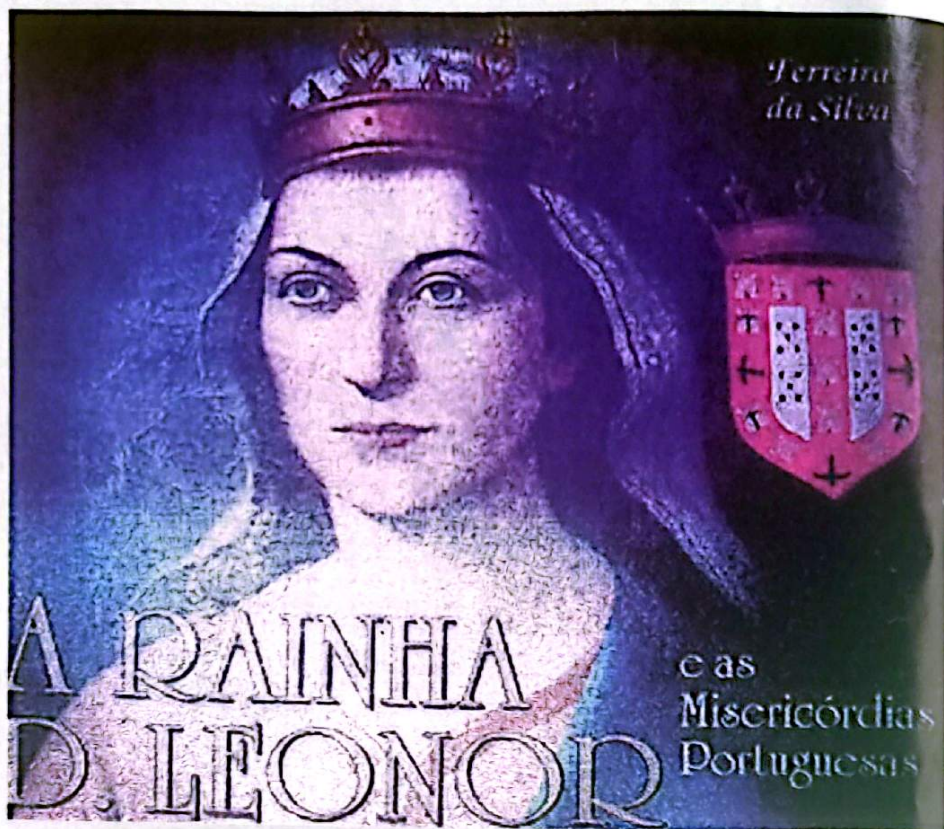
A cidade de Santos sempre teve uma predestinação histórica, no dizer de um de seus filhos mais ilustres, meu querido amigo Oswaldo Paulino. Nascida no Outeiro de Santa Catarina, abençoada pela cruz implantada no pátio da pequeníssima igreja e à sombra da Misericórdia de todos os Santos, aprendeu e seguiu desde os seus primórdios a mensagem do fidalgo Braz Cubas. Seu porto foi o celeiro do descobrimento da Capitania de São Vicente.

Mulher extraordinária, teve como berço a cidade de Beja, capital do Baixo Alentejo, em Portugal, o "país pequeno que a Espanha comprime e o mar alarga", na bela frase de Brasília Machado

nomes tutelares teve em seu passado.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SANTOS CRIADA POR BRÁS CUBAS

BRÁS CUBAS
(Princípios do século XVI – 1592 ou 1597)



- Fidalgo português, líder do povoado de porto de São Vicente, posteriormente vila de Santos.
- Iniciou em 1542 a construção da Santa de Misericórdia de Santos, o mais antigo hospital brasileiro, inaugurado em novembro de 1543.
- Segundo prédio ficou concluído em 1665, no campo da Misericórdia, atual Praça Visconde de Mauá. Terceiro prédio, inaugurado pelo médico Cláudio Luiz da Costa a 4/9/1836 junto ao morro de São Jerônimo, atual Mont Serrat, foi parcialmente destruído por um deslizamento de terra, em 1928.
- Conjunto atual foi inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas, a 2/7/1945, com 1400 leitos.
- Casa de Deus para os homens, porta aberta ao mar.
- Recebeu, por doação, uma sesmaria localizada em Geribatuba (hoje Jurubatuba).
- Nomeado, em 1545, capitão-mór de São Vicente.
- Lutou contra os indígenas na in-

vasão da vila de Piratininga em 1562, na fundação do Rio de Janeiro em 1567 e em 1575, em Cabo Frio.

- Morreu quase centenário.

Sobre a Santa Casa de Misericórdia de Santos, sua origem e evolução, escreveu excelente volume o Prof. Ernesto Souza Campos (1882-1970), por ocasião de seu 4º centenário de fundação, ocorrida em 1943.

O saudoso Prof. Antonio de Almeida Prado (1889-1965), em conferência pronunciada na Casa de Portugal, por ocasião da passagem do V Centenário de nascimento (1458) da rainha D. Leonor de Lencastre (1458 ou 1468/17-11-1525) referiu que a mesma teve vida atormentada e cruel, fazendo da caridade o fulcro de sua realeza. Instituiu a Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, com seu hospital, Igreja e Confraria, a "Rainha velha" ou a "Rainha dos Sofredores", foi excepcional em tudo, amparando, também o teatro de Gil Vicente, contribuindo para a construção do famo-

so monumento da Batalha, incentivando o desenvolvimento da arquitetura manuelina e da ourivesaria portuguesa. Ajudou a imprensa nascente e levantou sozinha, o Hospital de Caldas da Rainha. As misericórdias acudiam a miséria, mas também, tiveram índole educacional e assistencial, concedendo dotes matrimoniais a moças de boa fama. Paulo Bomfim, o grande poeta paulista, soube cantar em versos a Santa Casa de Lisboa.

NO QUINTO CENTENÁRIO DA SANTA CASA DE LISBOA

*E houve uma Santa Isabel
Semeando rosas no mar,
E um D. Diniz trovador
Transformando seu trovar
Nas flores que o verde pinho
Fez um dia navegar.
E houve naus e houve tormentas
Nos rumos do mar profundo,
E descobertas singrando
O olhar de D. João Segundo!
- Senhora Dona Leonor
Coberta de ouro e prata
De vosso gesto nasceu
A gesta misericórdia
Em terras de Portugal!
Em vosso real regaço
A pedra da compaixão,
A telha da caridade,
A madeira do socorro
E as argamassas da prece,
Fizeram surgir de agosto
A Santa Casa, asa santa
Subindo aos céus de Lisboa
Na oração de Frei Miguel,
Cinco séculos passaram,
Cinco séculos presentes
Nesse milagre de amor
Que de uma casa fez tantas
Casas santas, Santas Casas!
E houve uma Santa Isabel
Semendo rosas dos ventos
E houve Dona Leonor
Plasmando misericórdias
Em seu reino à beira-mar!
E essas rosas e essas bênçãos
Hoje são almas e são corpos:
- Santa Casa de São Paulo,
Misericordiosamente,
Santa Casa do Brasil!*

Dotada de rara beleza física sofreu todos os agravos possíveis, torturas físicas e morais, lembrando-se sempre da cena do assassinio do marido de sua irmã Isabel, o Duque de Bragança, decapitado por ordem do rei e de seu irmão, o Duque de Vizeu, apunhalado pelo próprio rei, em sua presença.

Mulher extraordinária, teve como berço a cidade de Beja, capital do Baixo Alentejo, em Portugal, o "país pequeno que a Espanha comprime e o mar alarga", na bela frase de nosso grande tribuno Brasília Machado. Portugal, com sua vocação marítima, teve o mar como destino de seu povo que enfrentou os perigos e as insídias do oceano tenebroso, abrindo mundos novos para a civilização, o comércio e a aproximação humana.

Marinheiro de fama foi Pedro Álvares Cabral, 4º filho de Fernão Cabral – Alcaide Mor do Castelo de Belmonte, situada na Beira Baixa. O 1º canto dos Lusíadas fala de dois grandes barões assinalados: almirante Pedro Álvares Cabral e o comandante oficial da marinha e piloto aviador português Artur de Sacadura Cabral.

Diz o referido canto, dos Lusíadas:

*As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigo e guerras esforçados
Mais do que prometia a
força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.*

Foram os portugueses que, sulcando os mares deram novos rumos ao mundo e se "mais houvera, lá chegara".

O mar foi sempre o aliado e a tumba dos navegadores portugueses. O mar, quanto de seu sal são lágrimas de Portugal", mas também quanto caminho abriste às epopéias do heroísmo português.

Ouçamos o poema:

"O mar português"

Fernando Pessoa

*Ó mar salgado! Quanto do teu sal,
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram,
Quantos filhos em vão rezaram.
Quantas noivas ficaram por casar,
Para que fosses nosso, ó mar.
Para se passar além do Bujador,
Tem que se passar além da Dor.
Valeu a pena?
Tudo vale a pena, quando a alma
não é pequena.
Deus ao mar o abismo e o perigo,
deu.
Mas nele, é que espelhou o Céu.*

Em resumo, foram nossos irmãos portugueses que descobriram as terras de Santa Cruz, vindo à Cabralia e Porto Seguro, com coragem, arrojo e tenacidade e se mais terras houvera, lá chegariam, também. Saudemos Portugal e sua gente, cuja língua nos une a todos, essa mesma língua de Camões, de Vieira, de Herculano, como de Rui, de Euclides, de Machado de Assis, a "última flor do Lácio", de Bilac, envolvida, aqui, como do outro lado do Atlântico, para a sua definitiva consolidação.

Eis um resumo da operosa vida de D. Leonor de Lencastre:

DONA LEONOR DE LENCASTRE

(Nascida em Beja, capital do baixo Alentejo, a 2/5/1458 ou 8/12/1468. Falecida em Lisboa, a 17/11/1525, vestindo o hábito das claristas, com 67 anos).

- Fez da caridade o fulcro de sua realeza (Almeida Prado).
- Passou por 4 (quatro) reinados. Afonso V, João II, D. Manoel (o venturoso) e D. João III.
- "Rainha Velha", "Rainha dos Sofredores".
- Teve, sempre, como confessor, o fr. Miguel Contreiras.
- Filha do Infante D. Fernando e da Infanta D. Beatriz. Bisneta de Dom João I, fundador da casa de Avis e da rainha D. Felipe de Lencastre.
- Casou-se aos 12 anos com o primo,

Dom João II, herdeiro do trono, homem "determinado e sensível".

- D. João II mandou decapitar em Évora seu concunhado, o duque de Bragança e apunhalou o irmão da Rainha, o duque de Viseu.
- D. João II, um ano depois de casado, enamora-se por D. Ana de Mendonça, jovem fidalga de Castelo, com quem teve um filho bastardo, Dom Jorge.
- Perdeu seu único filho, o infante D. Afonso, nascido a 18/7/1475, aos 16 anos, quando cavalgava.
- Com a morte do rei, ocorrida a 25/11/1491, restou a herança a Dom Manuel, o venturoso.
- Foi incriminada como autora da morte do marido, por envenenamento.
- A 15 de agosto de 1498 implantou a primeira Irmandade da Misericórdia em Lisboa.

Consultar: AMEAL, J. – Dona Leonor "Princesa Perfeitíssima".
Porto, Livraria Tavares Martins, 1943.

Nota: Este livro é dedicado à memória do Conde de Sabugosa

Nosso saudoso colega Édison Ruivo de Souza cantou em versos Dna. Leonor de Lencastre, dedicados à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Santos, no dia 2 de julho de 1966.

Não me furto ao desejo de recitá-la, síntese perfeita da vida operosa de D. Leonor de Lencastre.

Caros Colegas:

Estamos aqui reunidos, graças aos esforços de nosso colega HENRIQUE SEIJI IVAMOTO, na Casa fundada pelo fidalgo português Brás Cubas, a velha Santa Casa de Misericórdia de Santos, "casa de Deus para os homens, porta aberta ao mar" e que mereceu de meu saudoso mestre prof. Ernesto de Souza Campos (1882-1970) estudo dos mais completos (1946), desde sua origem e evolução.

Almeida Prado (1965), estudando a obra de Dona Leonor de Lencastre, refere que não existiu exemplo de alguém que tenha conseguido levar avante um programa de caráter social de tanta envergadura. Hoje, todos a consagram. Nas Santas Casas de Misericórdia, os pobres encontram sempre "os remédios de caridosa seara".

São múltiplas as obras de misericórdia: corporais e espirituais.

Corporais:

Dar de comer ou de beber a quem precisa
Vestir os nus

Visitar e cuidar dos doentes

Libertar os cativos

Visitar os prisioneiros

Dar pousada aos peregrinos

Enterrar os mortos

Espirituais

Consolar os aflitos

Instruir os ignorantes

Converter os pecadores

Dar conselhos aos que necessitam

Suportar os defeitos dos outros

Perdoar os inimigos

Rezar pelos vivos e mortos.

Foi em uma Santa Casa de Misericórdia, a de São Paulo, que eu aprendi o sacerdócio médico. Lá eu vi longos corredores e camas, ouvi lágrimas e gemidos, rostos em agonia, dores surdas e mudas, corpos no concreto, o nascer e o morrer, faces marcadas pela dor, a verdadeira caridade deslizando suavemente em grandes corredores, tudo isto formando grande cruz que uma humanidade desvalida carrega. Lá se acolhe o fraco, o pobre, o ignorante de todas as cores e de todos os credos, reacendendo naqueles que sofrem a flama interior da esperança e o lenho ardente da vontade de viver.

A eterna mensagem de Cristo que falou de amor e de caridade era o lema desta Casa e isto é o que está realmente no fundo da moral de nossa profissão e lhe confere valor eterno.

Prestando justas homenagens à Santa Casa de Misericórdia de Santos, que hoje nos abriga, saudemos também nosso colega Henrique Seiji Ivamoto e sua valorosa equipe, possibilitando a realização de mais este Congresso da S.B.H.M. Homens como IVAMOTO, dotado de raro espírito público, mostram que nenhum valor real se furta à apreciação do meio e de que a modéstia e a elevação moral são, ainda, os melhores títulos para se abrir caminho na vida.

Prof. Carlos da Silva Lacaz

Passatempo

Hudson Hübner França

Um dos meus passatempos,
ultimamente,
é fazer tatuagem
na minha memória.

Com agulha,
pigmento de várias cores,
paciência,
imaginação,
disfarço cicatrizes
e procuro tornar vivos,
coloridos,
momentos,

pessoas,
coisas que me são queridas.
Mas sou desajeitado
- gauche, como diria o poeta -
e,
com frequência,
termino o trabalho
com lágrima nos olhos,
em parte,
talvez,
pela maneira inábil
com que manejo agulhas.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duílio Crispim Farina (presidente);

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

Yvonne Capuano

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina:

Jorge Michalany

Coordenação Musical:

Dartiu Xavier da Silveira